

Aqueducto de Sertorio em Evora

No anno 86 antes do nascimento de Christo, Mario e Sylla, disputando a suprema influencia no governo da republica, accenderam a guerra civil que por alguns annos ensanguentou a cidade de Roma. Dividiram-se os romanos nas duas parcialidades, que se odiaram figadalmente, combatendo-se com encarniçamento. Sylla triumphou, em fim, do seu rival. Mario e seus partidarios, entre os quaes se distinguia Quinto Sertorio, buscaram a salvação na fuga.

Sertorio refugiou-se na Hespanha. Porém, demandando asylo n'este paiz, não se condemnou á vida triste e inactiva do proscripto. Bem sabia elle que, em vez da solidão do desterro, vinha achar poderosos instrumentos de vingança, e novo campo para combater os seus adversarios. E não se enganou.

Achavam-se a esse tempo os lusitanos desalentados pela morte de Viriato, o valente capitão que por tantos annos defendêra e disputára aos exercitos de Roma a independencia da Lusitania. Porém, vendo entrar na Hespanha, perseguido dos seus proprios inimigos, um cabo de guerra, intrepido e experimentado, cobraram animo, e offereceram-se para pelejar sob as suas bandeiras contra o dominio romano.

Sertorio não se fez rogar muito; passou immediatamente á Lusitania, e, pondo em acção a immensa actividade e energia de que era dotado, hasteia o pendão da independencia dos lusitanos; cerca-se de todos quantos sentem pulsar-lhes o coração pela patria e pela liberdade; dispõe phalanges, instrue-as e disciplina-as; fórma exercitos, e organisa, em breve tempo, uma formidavel resistencia contra o poder da soberba Roma (anno 81 antes do nascimento de Jesus Christo).

Foram vencidas as hostes romanas em toda a parte onde ousaram offerecer ou esperar batalha. O consul Metello, vindo á frente de numerosas tropas, é tambem destroçado e posto em fuga. O proprio Pompeo, um dos mais afamados generaes da republica, enviado com grosso exercito de soldados escolhidos entre os mais aguerridos, para desaffrontar a honra das armas romanas, experimentou sorte egual á de Metello.

Sertorio, julgando assegurado o seu poder, e a independencia da sua patria adoptiva, por esta serie de brilhantes triumphos, voltou as suas attenções e todas as grandes qualidades do seu genio emprehendedor para a organisação do governo politico e da administração do paiz, dotando-o de todas as vantagens economicas, que então já constituiam uma das mais bellas faces da civilisação romana.

Recolheu-se, pois, a Evora, que escolhêra para assento do seu governo, cidade já a esse tempo de certa importancia e antiguidade, pois que a sua fundação é muito anterior á primeira invasão dos romanos na peninsula iberica.

Sertorio apenas desfructou por oito annos a sua nova posição, por quanto, perdendo a esperança os seus inimigos de o vencerem no campo da batalha, prepararam-lhe a morte por traição. No fim de um banquete que lhe foi dado por Marco Perpenna, seu immediato na governança do estado e do exercito, quando as bebidas espirituosas começavam a cerrar-lhe as palpebras, aquelle traidor traspassou-lhe o co-

ração com um punhal (anno 73 antes do nascimento de Christo).

Perpenna apoderou-se da auctoridade de Sertorio, e empunhou a espada victoriosa d'este bravo general; porém faltava-lhe o genio que soubera fazer proficua, bemquista e respeitada aquella auctoridade; faltava-lhe a sciencia da guerra, que multiplica as forças do valor, e que fizera invencivel aquella espada. Facil foi então a Pompeo levar de vencida os lusitanos, que, em breve tempo, submetteu completamente ao jugo de Roma.

Assim começou e acabou o ephemero governo de Sertorio na Lusitania. Mas esse periodo curtissimo da sua administração, ao mesmo tempo que dá a medida do seu genio, fornece uma lição cabal do que era e do que podia a civilisação romana.

Apesar da lucta porfiosa em que andou empenhado, com pequenos intervallos de repouso, lucta gigantesca, tanto pelo poder, como pela tenacidade do inimigo; e, não obstante a escassez de recursos propria de um paiz meio barbaro, e já devastado por guerras anteriores, attendeu a todos os interesses publicos, como se vivêra sempre em plena paz. Promoveu a industria, desenvolveu e fez florecer as artes, abriu estradas, concedeu baldios a quem os agricultasse, e fortificou as povoações mais importantes. Evora foi a cidade mais favorecida do seu zelo e cuidados, pois que, além das muralhas e castello com que a poz no pé de uma forte praça de guerra, encheu-a de monumentos magnificos, uns de utilidade publica, outros de adorno, consagrados á religião e á gloria da patria.

O grande aqueducto com que abasteceu de agua a cidade; o bello templo de columnas corynthias, dedicado a Diana; o soberbo arco triumphal erigido em commemoração das victorias contra os romanos; o palacio do governo e de sua propria habitação; e os muros com que cingiu Evora, são os monumentos de que nos restam mais ou menos vestigios.

Contemplando essas venerandas reliquias da antiguidade, não se poderão eximir de um sentimento de admiração os que souberem e se lembrarem que taes edificações foram levantadas no breve espaço de oito annos. E ainda mais crescerá essa admiração, se porventura se comparar aquella actividade ao vagar com que hoje progridem entre nós as obras publicas, não fallando nos caminhos de ferro, cujos contratos os collocam em circumstancias excepcionaes.

Entre todos os monumentos de Sertorio tem o primeiro logar, sem dúvida, o aqueducto, não só pelo seu fim utilitario, mas tambem pela grandiosidade da obra. Todavia, devendo ser o mais respeitado e melhor conservado de todos, foi, pelo contrario, um dos que mais padeceu da mão destruidora do tempo, e da incuria e barbaria dos homens, não menos devastadora que a acção corrosiva dos seculos.

Chegou a tal ponto o estado de ruina do aqueducto, que, no primeiro quartel do seculo XVI, se originou uma longa e renhida controversia ácerca da existencia d'esta fundação de Sertorio. Os dois athletas d'esta disputa archeologica foram o celebre antiquario André de Resende e D. Miguel da Silva, bispo de Lamego, não menos sabedor das antiguidades patrias.

André de Resende affirmava que Sertorio construira um aqueducto com que abastecêra de agua a cidade de Evora. D. Miguel da Silva sustentava a opinião contrária. Primeiramente agitou-se em simples conversas esta questão archeologica; mas depois passou para o papel, escrevendo ambos longas dissertações, com mais acrimonia que benevolencia. Gastas as razões, sem que nenhum se confessasse vencido, acabou a contenda, ou antes, deram-se tregoas mutuamente.

Passados alguns annos, em que el-rei D. João III esteve em Lisboa e n'outras terras do reino, voltou a côrte para Evora, correndo o anno de 1531. Pouco depois compareceu ahi o bispo D. Miguel da Silva, e, encontrando-se com André de Resende, que, como todos sabem, era natural de Evora e religioso dominico, morador no convento de S. Domingos da mesma cidade, tornou a agitar-se a controversia, mas d'esta vez ainda com mais calor.

Resolveu-se então André de Resende a deixar o campo das conjecturas e hypotheses, para buscar factos em seu auxilio. E eil-o á frente de alguns trabalhadores, indicando logares e dirigindo escavações nas planicies junto á cidade, e nas encostas dos visinhos montes. As diligencias do infatigavel antiquario foram coroadas do mais feliz exito. As suas acertadas pesquizas descobriram os pégões dos arcos, e onde estes acabavam os alicerces da muralha, em toda a extensão que tivera o aqueducto, desde os muros da cidade até um oiteiro, onde rebentavam duas fontes, que mostravam ser o manancial de que se alimentava o aqueducto.

O bispo de Lamego, rendido á evidencia dos factos, confessou-se vencido; mas não se limitou a isto a victoria do seu antagonista. André de Resende, cujo credito e influencia na côrte eram mui grandes, não só como homenagem devida ao seu saber e virtudes, mas tambem pelo modo como exercia, tão a contento de todos, o seu cargo de mestre dos infantes, irmãos del-rei, persuadiu e levou D. João III a emprehender a reconstrucção do aqueducto.

Começaram logo depois as obras, encarregando o soberano a direcção e superintendencia d'ellas ao illustre archeologo. No fim de quatro annos corria a agua *da Prata*, que assim se chamava o manancial, pela bôca de quatro leões em um bello chafariz de marmore, construido, por diligencia do mesmo André de Resende, na praça grande de Evora, debaixo do arco triumphal de Sertorio, que ainda ahi existia, muito bem conservado, dando testimunho do subido grão de perfeição a que chegaram as artes n'esta parte da Lusitania, sob o governo d'aquelle illustrado capitão.

Foi um pensamento feliz, pensamento de politico e de artista, o que assim reuniu ao padrão da gloria militar de Sertorio o monumento da sua sabedoria administrativa. Porém, passados annos, ao aceno vandalico do cardeal infante D. Henrique, auctorisado por el-rei D. Sebastião, seu sobrinho, foi derrubado até aos alicerces aquelle sumptuoso padrão, que commemorava uma das mais heroicas e gloriosas luctas da independencia d'esta terra que habitâmos! [1] A graciosa fonte, erigida por André de Resende no centro de tres arcos que formavam o portico romano, tambem foi desfeita, e os leões ficaram dispersos pela cidade, apparecendo ainda hoje uns em fontes publicas, outros em jardins particulares. E no logar que taes construcções occupavam edificou-se o chafariz de massiça architectura, que lá está apregoando, defronte da basilica de Santo Antão, o desprezo em que as artes cairam, e a barbaridade com que foram tratados muitos monumentos historicos n'esse reinado, em que mais alto se ergueram a influencia e poder da inquisição e dos jesuitas.

Tem principio o aqueducto em um monte que se levanta a pouco mais de tres kilometros além da egreja de Nossa Senhora da Graça de Ovidor, na distancia de uns onze kilometros da cidade, contados em linha recta. Recebe alli as duas primeiras nascentes; depois corre, torneando varios oiteiros, até á Torr'Alva, vindo enriquecel-o vinte e oito nascentes em todo este espaço, que é de bastantes kilometros, em razão das muitas voltas que dá o aqueducto. Da Torr'Alva

[1] Vid. pag. 286 do vol. VI.

prosegue para Evora sobre uma mui comprida arcaria, construida de pedra, com a volta dos arcos de tijolo. Entra na cidade por cima das muralhas, onde lhe serve de mãe d'agua uma torre ou pavilhão de architectura tão nobre, de tão esbelta fórma, e com os ornatos distribuidos com tanto gosto e arte, que por si proprio se inculca como obra romana.

Este pavilhão, e outro em tudo egual junto ao convento de S. Francisco, eram as unicas reliquias que restavam do aqueducto de Sertorio, e nas quaes André de Resende assentava os principaes fundamentos da sua disputa com o bispo de Lamego, por quanto aquelle erudito antiquario, grande conhecedor da civilisação romana, sabia perfeitamente que nos grandes aqueductos que, desde o tempo da republica e dos imperadores, abasteciam de agua Roma e outras cidades sujeitas ao dominio dos Cesares, havia, de certa em certa distancia, d'estas torres, ou mães d'agua, como ainda hoje usâmos, e se vê no aqueducto das *Aguas-livres*. As de agora são edificadas unicamente para dar luz e ventilação á galeria interior, ou para n'ellas se repartirem as aguas para differentes canos. As de outr'ora tinham este mesmo uso, e além d'isso tambem serviam de abrigo aos operarios e vigias encarregados da conservação e guarda do aqueducto.

A do aqueducto de Sertorio, que a nossa gravura mostra, é de fórma redonda, e de ordem jonica. Compõe-se de dois corpos: o inferior é guarnecido de sete nichos e uma porta entre oito columnas, e coroado de um entablamento decorado de vasos ou urnas correspondentes a cada uma das oito columnas. Tem de circumferencia, pela parte de dentro das columnas, quasi 12 metros. O superior tem pilastras em vez de columnas, e no logar dos nichos frestas para introducção do ar e luz. Cobre-o uma abobada a modo de cupula.

É construida esta elegante torrinha de tijolos, unidos por tão rija argamassa, e revestidos por uma especie de estuque ou cimento de betume, tão duro e compacto, que, apesar do embate de mais de dezenove seculos, conserva-se de pé, com mui pequeno estrago, a não ser a perda de alguns dos vasos que a decoram.

Fóra da cidade fornece este aqueducto tres chafarizes, e dentro quatro publicos, além de numerosas fontes nos jardins e claustros de mosteiros, recolhimentos, hospital, cadeia e outros edificios.

Tendo André de Resende descoberto a lapida com a inscripção commemorativa da primeira fundação do aqueducto, mandou-a collocar no que de novo se erigiu.

A inscripção é como segue:

Q. Sertor....................
Honorem nominis sui et cohort. fort.
Eborensum munic. vet. emer. virtutis ergo
Don. don. bello celtiberico, de que manubiis
In public. munic. ejus utilitatem urb.
Mœnivit, eoque aquam diverseis in duct.
Unum collecteis fontib. perducendam curav.

Por extenso deve ler-se:

Quintus Sertorius... ob honorem nominis suis, et cohortis fortissimorum Eborensum municipum, veteranorum, emeritorum, virtutis ergo donis donatorum bello celtiberico, de que manubiis in publicam municipii ejus utilitatem, urbem mœnivit, eoque aquam diverseis in ductum unum collecteis fontibus perducendam curavit.

Quer dizer em vulgar:

Quinto Sertorio, em honra do seu nome, e da coborte dos bravos eborenses, por seu valor na guerra celtiberica, cercou e fortificou a cidade, municipio de soldados veteranos e benemeritos; e para utilidade publica fez conduzir á mesma por um aqueducto muita agua, recolhida de diversas nascentes.

Quasi todas as palavras da primeira linha d'esta inscripção acham-se completamente gastas e apagadas. Entretanto a sua falta não traz alteração alguma ao sentido das linhas subsequentes. Provavelmente as palavras desfeitas exprimiam alguns titulos de Quinto Sertorio, como por exemplo — *dux lusitanorum*, capitão ou commandante dos lusitanos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

AMOR DE CIGANA

(Vid. pag. 36)

Os dois ciganos (irmão e irmã, como depois se soube) dirigiram-se para o sitio onde estavam os seus companheiros. Jorge da Silveira seguiu-os com os olhos até os perder de vista, e muito depois de elles se terem sumido, continuou a fitar o mesmo sitio com tamanha attenção, que deixou apagar o charuto sem reparar em tal. Amigo Jorge da Silveira, é melhor contemplar d'esse modo as obras primas da arte do que as obras primas da natureza.

Sabem o que resultou d'essa contemplação? Foi estar distrahido todo o tempo que durou o jantar; não ouvir nem uma palavra do comprido e lacrymoso discurso que a sra. D. Francisca de Azevedo fez ácerca das continuas exigencias dos ciganos, nem reparar nos meigos e inquietos olhares que lhe dirigia a encantadora Lucia. D'onde se deduz que a distracção tem as suas vantagens e os seus inconvenientes.

Eu agora confesso que tenho vontade de pedir ao leitor que me não acompanhe. Para que hei de acabar de desconceituar a seus olhos este estouvado, que, por desgraça minha, tomei para heroe do meu romance? Em fim, se é curioso, como eu sou, venha.

São nove horas da noite. Escondamo-nos por detraz d'esta larangeira; não, como o digno tenente, para organisar uma emboscada, mas simplesmente para observar. Assim collocados, temos os nossos ares de protogonistas de dramas modernos, coisa que muito me lisongeia, e ao leitor tambem. E pena tenho eu de não poder saír do meu escondrijo, ao signal dado pela deixa, para caír nos braços de algum parente imprevisto. Em fim, contentemo-nos e espreitemos.

Abriu-se devagarinho a porta do alpendre. Saíu um vulto embuçado. Mau! temos personagem de melodrama! Vem a fumar um charuto. Bom! Os heroes melodramaticos não cáem n'essa vulgaridade; a charuteira d'elles anda sempre cheia de punhaes e de clavinas. O charuto é bom com uma chavana de café! Ora essès figurões só tomam tarraçadas de sangue quente! O charuto não diz bem com essa bebida.

Quem será então esse vulto? O leitor já o adivinhou, e eu já o sabia ha muito tempo; mas o periodo precedente, devem confessal-o, satisfaz a todas as exigencias da arte. O tal amigo, em fim, é Jorge da Silveira.

Sigâmol-o devagarinho. Vejamos para onde elle dirige os seus passos incertos, como se dizia no tempo em que os romances de Ferrea Aragão faziam as delicias do publico portuguez. Para onde? Oh! Cerre os olhos, leitor, que eu já velei o rosto, como Agamemnon no sacrificio de Iphigenia. Jorge da Silveira bateu á porta do lagar.

— Entre, disse uma voz.

Jorge da Silveira entrou.

Ao principio não viu coisa alguma. A atmosphera do lagar estava saturada de fumo de tabaco; as figuras dos ciganos mal se distinguiam por entre aquelle nevoeiro artificial. De mais a mais esse ar impregnado de nicociana não era muito respiravel para pulmões que tinham acabado de absorver o ambiente puro dos

campos. O primeiro movimento de Jorge foi por conseguinte recuar. Domou esse impulso instinctivo, e, depois de se demorar alguns instantes, pôde contemplar á vontade o quadro que se desenrolava ante os seus olhos.

Em roda da casa os homens meio deitados, com o cachimbo na boca, jogavam ou experimentavam forças uns com os outros, levantando pesos enormes com um simples movimento muscular dos braços. As velhas, hediondas como são quasi sempre na edade avançada as mulheres das raças orientaes, formavam circulo em torno de um caldeirão, onde fumegavam, inundadas de azeite, umas couves meio cozidas, que saboreavam com delicias. No meio da casa as raparigas, algumas d'ellas lindissimas, distinguindo-se entre todas a que chegára n'essa manhã, dançavam, com acompanhamento de castanholas e pandeiros, uma d'essas danças hespanholas, voluptuosas e inebriantes.

Um lampeão com luz mortiça, pendurado do tecto do lagar, illuminava esta scena.

Assim que Jorge da Silveira entrou, os homens deram-lhe logar immediatamente, e comprimentaram-n'o cortez mas não servilmente. As raparigas pararam de dançar, e fitaram-n'o com curiosidade.

— Não se incommodem por minha causa, disse Jorge, venho estar aqui, se me dão licença, um pedaço de noite, mas peço-lhes que não alterem por fórma alguma os seus folgares. Desejo, pelo contrário, presencial-os.

O chefe do bando aproximou-se de Jorge.

— *Usted* gosta de ver as danças?

— Muito.

— Quer *usted* experimentar forças?

— Não, obrigado.

— Faz mal. Quer ouvir cantar?

— Desejal-o-hia; mas receio que se in...

— Não receie. Rosita!

A gentil recemchegada acudiu ao chamamento.

O chefe disse-lhe algumas palavras, e logo o irmão d'ella se aproximou, e, sentando-se no chão com as pernas encruzadas, tirou alguns preludios de uma guitarra. Rosita, em pé no meio da casa, fitando os seus grandes olhos negros no rosto de Jorge, começou a cantar com uma voz melodiosa, inda que um tanto guttural, e n'um rythmo lento e melancholico, tornado ainda mais triste pelo acompanhamento *pianissimo* da guitarra, a seguinte especie de ballada:

Geme, ó coruja, a acompanhar meu canto!
Reveste, ó lua, o funerario alvor!
Orvalho, cobre com teu frio manto
junto das loisas a tremente flor!

Agreste rosa, o teu perfume intenso
livre espalhavas na amplidão do ar!
Gentil gazella, no deserto immenso
ninguem ousava o collo teu domar!

Era uma estrella o teu olhar sereno!
um diamante do nocturno véo,
a fulgurar no rosto teu moreno,
que o sol beijava, a arder por ti no ceo!

Geme, ó coruja, a acompanhar meu canto!
Reveste, ó lua, o funerario alvor!
Orvalho, cobre com teu frio manto
junto das loisas a tremente flor!

Um dia, rosa, do natal vallado
roubou-te bella e fementida mão;
curvou-te o collo, por ninguem domado,
de uns lindos olhos o fatal condão.

Ai! desbotou-te d'esse amor o lume
das lindas folhas o gentil carmim.
Elle saciou-se com o teu perfume!
e desfolhou-te! e desprezou-te alfim!

Geme, ó coruja, a acompanhar meu canto!
Reveste, ó lua, o funerario alvor!
Orvalho, cobre com teu frio manto
junto das loisas a tremente flor!

Mas na cigana, por amor trahida,
ardem as chammas da vingança atroz!
E á meia noite, junto á cruz da ermida,
livida se ergue com um rir feroz.

Brilha nas trevas o punhal tremendo,
lampeja, fere, e o traidor caíu!
Ouve-se um grito de prazer horrendo!
E o mocho sólta gemebundo pio!

Geme, ó coruja, a acompanhar meu canto!
Reveste, ó lua, o funerario alvor!
Orvalho, cobre com teu frio manto
junto das loisas a tremenda flor!

Jorge da Silveira não perdêra um só dos movimentos do rosto da cigana, rosto realmente expressivo e galante. Todos os sentimentos que a ballada exprimia se reflectiam mais ardentes ainda no negro olhar de Rosita. Quando chegou ao final da canção, os seus olhos fulguraram de maneira que involuntariamente Jorge da Silveira estremeceu.

Quando o ultimo e melancolico som do acompanhamento expirou, depois de vibrar longamente nas cordas da guitarra, Jorge agradeceu sorrindo, e com um gesto fez signal á cigana para se approximar. Ella obedeceu, porém com uma certa timidez selvagem.

— Quem lhe ensinou essa canção? perguntou o moço pintor.

— Minha mãe, respondeu a cigana laconicamente.

— E essa historia é verdadeira?

— Dizia-me ella que sim, e aconselhava-me a que não imitasse a pobre. Nós somos as andorinhas, dizia-me ella, viajando eternamente em bandos através do mundo. Se alguma de nós, seduzida pelos attractivos de um caçador, se deixa prender por elle e encarcerar em doirada gaiola, saboreia delicias em quanto não chega o inverno! Mas ai! os primeiros gelos fazem definhar a pobre estouvada, em quanto o sol da liberdade acaricia n'outras regiões as azas das suas irmãs. Minha filha, a risonha estação dos amores é ainda mais breve do que o tempo das flores, e ao coração do homem chega ainda mais depressa o inverno. Andorinha, minha andorinha que eu criei com tanto amor no nosso ninho movente, nunca feitiços de amores te prendam, e te induzam a separar-te de tuas irmãs. Lembra-te da cigana da canção! E depois beijava-me, ou ensinava-me a ler no livro mysterioso do futuro.

— Sabe ler a *buena-dicha*, minha gentil andorinha? — perguntou Jorge fitando-a com um olhar ardente.

— Sei.

— Predize-me o meu futuro, cigana! — continuou Jorge rindo.

A cigana pegou na mão de Jorge, e fitou com attenção as linhas que se lhe cruzavam na palma.

— Hei de ser feliz em amores? perguntou o pintor.

— Sim, respondeu a cigana, mas não farás felizes aquellas a quem amares. Sim, bem vejo, has de inspirar um amor immenso, ardente, ai! tão ardente que ha de reduzir a cinzas a pobre flor que, impellida pelo vendaval da paixão, procurar um abrigo no teu seio. Has de ainda inspirar outro amor, timido e silencioso. Ai! a rolinha! a pobre afflicta rolinha porque se quer deixar morrer poisada no tronco lascado, se aquelle por quem chora nem sequer n'ella pensa! Que fatal condão tem a tua gentileza! Tu és como o

vento do deserto, por cujo halito abrasador suspiram as palmeiras, e que, ao abraçal-as, as derruba e as mata!

— Como poderam esses labios vermelhos soltar tão triste prophecia? E dize-me: hei de expiar ao menos as minhas involuntarias culpas?

— Será breve a tua existencia; tendo a formosura da rosa, d'ella terás a curta duração; e uma lagrima oscillou nas fartas pestanas de Rosita.

— Tens dó de mim? accrescentou Jorge, fazendo mais caso da lagrima da cigana do que da sua lugubre prophecia.

Rosita fitou no rosto risonho do artista os seus lindos olhos com uma singular expressão de ternura. E esses olhos negros tinham um brilho tão aveludado, que Jorge teve uma louca tentação... O seu braço trémulo chegou a tocar na airosa cintura da cigana, mas esta ligeira, como a andorinha, com quem se comparára, escapou-se-lhe e foi misturar-se com as suas companheiras.

O artista levantou-se, e, depois de conversar mais algum tempo com os ciganos, dirigiu-se para a porta e saiu tendo em vão procurado Rosita com o olhar.

Quando ia caminhando pensativo por uma das ruas da quinta, caíu-lhe de repente aos pés um ramalhete de flores do campo. Jorge parou, olhou espantado para todos os lados, e finalmente divisou no meio das arvores um vulto immovel, cujas fórmas gentis a lua acariciava. Suspenso, com um dedo nos labios a indicar mysterio, o vulto risonho murmurou, ao approximar-se de Jorge:

— Amo-te.

Era Rosita.

Á mesma hora, por detraz da unica janella illuminada que apparecia na fachada da habitação, um vulto feminino, com a fronte humida encostada á vidraça, com o coração palpitante, interrogava com um avido olhar as trevas em que se envolviam ao longe os pomares e os olivaes da quinta. Ao seu ouvido chegavam os longinquos descantes dos ciganos, e lagrimas silenciosas deslisavam-lhe em fio pelo rosto pallido.

Era Lucia.

Seriam estes já os dois amores?

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

ESPOSOS GALLOS

A gravura que publicâmos com este titulo offerece a cópia de uma das mais bellas producções da arte grega, que hoje se conhecem. Representa uma scena tragica da historia da Gallia; um d'esses episodios tão communs na vida d'aquella nação guerreira, e que tanto em si resumiam a substancia da crença celtica, e o amor da independencia.

Um mancebo que defendia a terra onde tivera o berço, com toda a coragem do patriotismo, com todo o valor e abnegação da juventude, vendo contraria a sorte das armas, e mallogrados os seus esforços e de seus irmãos, mata sua formosa esposa, e assassina-se em seguida, para não cairem em poder do inimigo victorioso. O moço guerreiro prefere a sua morte e a da consorte, que ama extremosamente, a ver os pulsos de ambos, juntamente com a patria, arrastando as algemas da escravidão. Porém a dor d'esta acção desesperada é suavisada pela esperança da immortalidade, que a religião celtica promette aos heroes.

Eis a scena que o esculptor figurou no grupo de que tratâmos. A correcção do desenho, e a nobreza e naturalidade das posições são, na verdade, admiraveis; porém o que ainda mais encanta e maravilha n'esta obra de arte, é a expressão que o artista deu ás duas estatuas. Os sentimentos que em tal lance deviam encher e trasbordar da alma dos dois esposos; os affectos oppostos que deviam transparecer-lhes, como em espelho, no rosto, no gesto, e no proprio corpo, tudo o cinzel desenhou, como se o dirigira a natureza; tudo o genio do esculptor, como inspirado, soube imprimir no marmore.

No rosto meigo e sereno da mulher, na suave inclinação do seu collo, no tranquillo caír dos braços, na branda curva do corpo, vêem-se estampadas, através dos ultimos paroxismos da agonia, a resignação da morte voluntaria, e a esperança de ir encontrar em melhor vida o objecto de todo o seu amor.

No homem é muito differente a expressão, mas não menos cheia de verdade, e ainda mais sublime. Em quanto crava no peito, com mão firme e resoluta, o punhal com que rasgára o seio da consorte, sustenta esta pelo braço, para que não baqueie sobre a terra, estando elle ainda vivo e de pé; encara o inimigo com a indignação da derrota, com o orgulho de quem antepõe a vida á perda da liberdade, e com a satisfação dos que se salvam da deshonra nos braços da morte; e finalmente, impellido por um sentimento religioso, parece querer marchar, ao despedir-se do mundo, para a região da immortalidade, que a sua crença lhe pinta como o logar destinado pelos deuses aos que se sacrificam pela patria, e para onde julga poder conduzir sua mulher.

N'aquelle semblante nobre e altivo, n'aquella figura de tanto garbo e magestade, estão personificados o heroismo na vida e na morte, a fé viva na crença de seus maiores, o amor acrisolado á patria e os extremos do affecto conjugal; a personificação, não por meio de emblemas e divisas, mas sim pela representação ao vivo e ao natural das paixões da alma.

Mas o escopro magistral, que d'est'arte soube ani-



Esposos gallos — grupo antigo

mar o marmore com o fogo das paixões humanas, e com a suave expressão dos mais doces sentimentos de alma, não descurou o mais insignificante accessorio, a minima parte da sua obra primorosa. A graça dos cabellos, entrançados na mulher, soltos e ondulantes no homem; as roupas d'aquella, unindo-se em multiplicadas pregas ao corpo recurvado e moribundo; o manto d'este fluctuando-lhe em largas dobras sobre as costas, agitado com os rapidos movimentos do braço e mão, brandindo o punhal: tudo, em fim, está desenhado com summa exactidão e verdade, e esculpido com admiravel perfeição.

E todavia, por singular capricho da sorte, que tanto se apraz em obscurecer o genio, quando lhe não dá corôa de espinhos, ignora-se o nome do artista que assim creou obra de tamanho primor. Apenas se sabe que é producção de arte da antiga Grecia, porque a sua propria formosura e perfeição revelam e testificam de um modo incontroverso a sua nobre origem.

Adorna este grupo a quinta Ludovisi, em Roma. A França possue duas bellas cópias d'elle; uma de bronze, na sala de entrada do palacio do Corpo Legislativo, em Paris; a outra, de marmore, no parque de Versalhes.

I. DE VILHENA BARBOSA.

RELATORIO ANNUAL

DA ESCHOLA INSTITUIDA PELO SR. CASAL RIBEIRO

(Conclusão. Vid. pag. 39)

Passemos agora á menção das obras de costura e lavores, que estão em exposição. São 19 costuras, 11 marcas, 9 bordados, e 4 chrochés. Ao todo 43, que foram apreciadas por varias senhoras que se dignaram concorrer no dia dos exames, e particularmente classificadas pelas sras. Henriques Sequeira e Branco Carvalho, pelo modo seguinte: 17 optimas, 14 boas, e 12 soffriveis. Os chrochés executados pelas alumnas Cecilia Adelaide da Purificação Marques e Jeronyma Florinda Duarte, mereceram particular elogio de todos que os viram.

Fizeram as alumnas mais peças de costura e lavores, umas para si ou suas familias, e outras encommendadas, que já foram entregues a seus donos. As retribuidas foram 75, e alguns concertos em roupa. Tudo produziu 11$115 réis, quantia superior á do anno precedente, porém maior podéra ser o producto se por vezes não faltasse trabalho. Ainda que possa ser taxado de importuno, repito o pedido que sempre hei feito n'esta occasião a todas as senhoras presentes, para enviarem obras de costura a esta eschola; ao que muito convida a perfeição dos trabalhos, a modicidade dos preços e o espirito de beneficencia.

O dito producto de 11$115 réis vae ser agora distribuido pelas alumnas, na razão do trabalho que cada uma fez. Reservei para hoje esta entrega, junta com a dos premios, como mais um meio para as reter na eschola. As que se retiraram perderam o seu salario, a favor das condiscipulas mais necessitadas e de merito, comprando-se-lhes algumas telas de que carecem para certos lavores.

São 21 os premios que vão ser conferidos, segundo o resultado dos exames, a classificação dos trabalhos de agulha, e as informações das sras. professoras; 15 nas indicadas materias de instrucção primaria, juntamente com lavores ou costuras, e predicados de caracteres ou costumes; e 6 só a titulo de doutrina, applicação, aceio, boa frequencia e morigeração. Tambem foram julgados dignos de premio os meninos de que acima fallei, não matriculados n'esta eschola.

Todos os objectos que vão dar-se ás premiadas são donativos feitos para este fim, a saber:

Da sra. Costa Leite 12 pares de meias; e das sras. Silva Abranches e Casal Ribeiro 3 córtes, 5 lenços e 3 aventaes pequenos, tudo de tela de lã; 12 lenços de assoar, 6 cabeções bordados, uma fita de enfeite para pescoço, e 6 medalhas com laços de fita de seda.

Do sr. Marianno Ghira um primoroso exemplar do *Livro de missa e confissão*, e dois *Epitomes da Historia de Portugal*, do sr. Viale, encadernados.

Do sr. Emilio Achilles Monte-verde 6 *Mimos á infancia*, 6 *Manuaes encyclopedicos* e 12 *Methodos facilimos*, tudo obras suas, encadernadas.

Do sr. Castro Irmão dois volumes encadernados do *Archivo Pittoresco* e dois exemplares do romance *Rhadamanto*, escripto pela nossa compatriota, a sra. D. Maria Peregrina de Sousa.

Da beneficente SOCIEDADE MADRÉPORA o costumado volume do bello semanario *Archivo Pittoresco*, que, segundo a vontade da mesma sociedade, é concedido á alumna Cecilia Adelaide da Purificação Marques, reputada mais distincta no curso d'este anno.

O mesmo anonymo que no dia dos exames, no anno precedente, brindou as sras. professoras com 4$500 e as alumnas com 5$000 réis, repetiu este anno, em analogo dia, aquella caridosa acção. Deu 5$000 réis ás ditas senhoras, e egual quantia para ser distribuida pelas meninas. Com sua auctorisação empreguei-a, por me parecer melhor, em 59 metros de tela pintada, repartida em 4 córtes de vestidos e 3 de roupinhas. Como da outra vez, exigiu aquelle generoso cavalheiro que não declarasse seu nome, e hoje, como então, a custo cumpro o seu preceito.

O sr. José Maria do Casal Ribeiro deu para premios 14 *Manuaes da missa*, 10 *Compendios de civilidade* e 3 volumes das *Leituras populares*, tudo encadernado; e os estojos para resguardo dos diplomas de que acima fallei, e que vão tambem entregar-se. São primorosamente desenhados e caligraphados pelo referido distincto professor da eschola annexa á Normal, o sr. Serra, que assim quiz presentear esta eschola e estas discipulas. Estão assignados pelo proprio punho do sr. Castilho, e pelos outros tres examinadores já mencionados. As agora humildes jovens que vão recebel-os confio que, em poucos annos, hão de mostral-os com orgulho a suas discipulas ou a suas competidoras. Muitas lhes invejarão a posse de taes documentos. Guardem-n'os ellas, com o apreço e acatamento que lhes deve merecer tão honrosa memoria d'aquelle que lhes amenisou, pelo seu methodo portuguez de leitura, as agruras dos primeiros rudimentos do saber, e lhes ha de amenisar as fadigas futuras do professorado.

Não menos deverão ter em grande estima a recordação dos benemeritos cavalheiros que juntaram seus nomes ao do sr. Castilho; como juntos tem sido seus esforços a favor da instrucção popular e do referido methodo.

O sr. Julio Caldas Aulete, professor da eschola normal de Marvilla, offereceu 50 exemplares da sua *Grammatica Nacional*, que está publicando, e pela qual já estão sendo leccionadas as alumnas d'esta eschola no curso d'este anno.

O sr. Castro Irmão, além do referido donativo de livros, imprimiu gratuitamente 500 nitidos exemplares do ultimo relatorio que fôra publicado no seu *Archivo Pittoresco*. Parte d'elles ahi estão sobre as mesas, para os tomar quem desejar possuil-os.

Tambem o sr. Casal Ribeiro brindou mais a eschola com alguns livros e encadernações, e com um harmonio para acompanhar os cantos das alumnas, o qual pertencêra á mallograda eschola de meninas, que, na freguezia de Santa Isabel, regeram as acreditadas professoras, as sras. Mirandas, dependente da

Sociedade promotora da educação popular, e que tão lastimosamente se fechou por falta de meios. As ditas senhoras ficaram em grande desamparo por este facto, e pela chorada morte de seu genro e cunhado, o talentoso e modesto mancebo Antonio Justino Simões de Cabedo, fervoroso apostolo da instrucção primaria e do methodo portuguez. Em quanto não achavam collocação no professorado, offereci-lhes morada na casa d'esta eschola, onde residiram desde maio até janeiro ultimos; cumprindo-me declarar que lhes prestaram attendiveis serviços, coadjuvando no ensino as outras sras. professoras.

Ao sr. José Daniel Henriques de Sequeira, bom visinho da eschola, se deve o muito apreciado favor de prestar este salão da sua residencia, para mais commodamente se fazerem os exames e a distribuição dos premios.

O inspector d'esta aula offereceu-lhe 50 bibes de algodão branco e 4 toalhas de mãos.

O sr. Antonio Maria Baptista continuou a visitar com frequencia esta aula, auxiliando-a com a sua muita experiencia e saber nas coisas do ensino.

O facultativo, sr. José Antonio Ramos, continuou a prestar gratuitamente seus valiosos serviços á eschola, inspeccionando as meninas que pretendem admissão, e tratando na doença as mais pobres.

O *Centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas* mandou, para assistir aos exames, uma deputação composta dos seus dignos presidente e secretario, os srs. Francisco Vieira da Silva e Paulino Augusto dos Santos Themudo.

No dia seguinte ao dos exames, 23 de janeiro, foram as alumnas com suas mestras, como costumam, ao cemiterio do Alto de S. João, para ouvir missa por alma da mãe do fundador d'esta eschola, junto com elle e sua familia. Quasi nenhuma faltou, e algumas das suas mães as acompanharam, bem como quatro meninas adultas que já saíram da eschola, Libia Rita do Nascimento, Emilia Augusta de Oliveira, Adelaide Sophia dos Santos e Rosa Maria Corrêa. Menciono aqui seus nomes com satisfação e louvor, pelos gratos sentimentos que manifestaram á saudosa memoria de tão respeitavel senhora.

Os factos e os pormenores relativos ao ensino e á administração estão consignados nos mappas de n. 1 a 28, que se acham patentes. Os primeiros 11, correspondentes aos 11 mezes do curso, contém os elementos principaes de todos os outros, nas frequencias e faltas diarias de cada alumna, nas admissões e saídas, e nas sommas e resumos mensaes. D'elles se formaram os de n. 12 e 13, que comprehendem a estatistica geral do curso de 1863, contendo os extractos das apreciações dos srs. examinadores e das sras. classificadoras, que se vêem nos de n. 14 a 22. O de n. 23 relaciona as premiadas, indicando as materias ou os factos em que recaem os premios.

O de n. 24 designa a quantidade, preço e qualidade das costuras e lavores pagos, feitos na eschola. O de n. 25 apresenta as profissões dos paes das alumnas que se matricularam no ultimo curso. Observa-se, como no anno precedente, que as classes dos trabalhadores e tanoeiros são as que deram maior contingente á eschola.

O mappa n. 26 refere quaes discipulas deixaram a eschola, quando se matricularam, e que instrucção tinham, especie e grão da que adquiriram, edade quando saíram, e destino conhecido. Foram 18, como já disse; 6 fizeram exame nos cursos precedentes ou em agosto ultimo, e foram mais ou menos habilitadas em doutrina, ler, escrever, contar e prendas de agulha.

Duas d'estas, Maria Gertrudes de Campos e Adelaide Sophia, de 13 e 12 annos de edade, eram alumnas distinctas e mui aptas n'aquellas disciplinas: a segunda d'ellas obteve optimo no seu ultimo exame em systema metrico. Ambas foram ajudar suas mães nos trabalhos domesticos.

Das outras 4, uma foi para a eschola fundada pelo sr. Archibaldo Turner, no sitio de Chellas; outra para uma aula particular de meninas que tambem ha no sitio do Beato; e 2 mudaram para longe.

Das 12 restantes, a maior parte pouco tempo frequentaram a eschola, e as mais antigas nunca chegaram a fazer exame, por sua incapacidade ou desaproveitamento por pessima frequencia.

D'estas 12 falleceu uma, 6 mudaram para longe, 2 foram para a eschola do Beato, e de 3 ignora-se o destino.

O mappa n. 27 indica as alumnas que se confessaram e commungaram na ultima quaresma, especificando as vezes que tem cumprido estes deveres christãos, e as respectivas edades actuaes.

O mappa n. 28 comprehende a parte administrativa, e mostra que se consumiram 7:418 meias rações para as crianças, no custo de 74$180 réis, compradas, como de costume, a 10 réis cada uma, na sopa economica da fabrica do tabaco, com obsequiosa permissão dos srs. caixas geraes do contrato. Ordenados das sras. professoras, 180$000 réis; renda da casa, 67$200 réis; e as despezas miudas de papel, linhas, concerto de utensilios, roupas, agua, limpeza, mudança, etc., 56$545 réis. Ao todo 377$925 réis, havendo a mais 77$925 réis na despeza sobre a receita de 300$000 réis do capital da eschola.

Mudou-se a aula para casa mais vasta, e com boas condições para exercicio e recreação das alumnas.

Terminando este relatorio, direi que as quatro mencionadas discipulas, Cecilia Adelaide da Purificação Marques, Joaquina Maria da Purificação Alvaro, Maria da Madre de Deus e Oliveira, e Agueda Custodia dos Anjos Casse, propõem-se entrar na eschola normal do Calvario, proxima a abrir-se.

As duas primeiras tem fundada esperança de serem incluidas na proxima admissão; e, como lhes faltam meios para o enxoval que é exigido, porque pertencem a familias desvalidas, as sras. professoras, por sua lembrança e iniciativa, promovem uma subscripção para lh'os obter; subscripção que já conta 48 subscriptores, e na qual muito auxiliadas tem sido pelo sr. tenente coronel Joaquim Maria Baptista. Todavia, o producto até agora obtido ainda não é sufficiente para os enxovaes.

Este acto é digno de menção e louvor, e mostra o interesse que estas senhoras tem por suas discipulas; assim como os resultados obtidos abonam seu zelo pelo adiantamento d'ellas. Manifestem-lhes, pois, as alumnas, por minha voz, a sua gratidão pelos beneficios que hão recebido na eschola; dêem os devidos agradecimentos a todas as pessoas que por diversos modos as favoreceram; e finalmente tributem aos fundadores da eschola e do methodo n'ella seguido, o reconhecimento, amor e veneração que por tantos titulos lhes competem.

Chellas, 13 de março de 1864.

Carlos José Caldeira.

ADVERTENCIA

No dia da solemne distribuição dos premios annuaes, conferidos ás alumnas da eschola instituida pelo sr. Casal Ribeiro, alguns dos escriptores presentes a este acto tomaram a palavra para tirar importantes illações dos factos estatisticos mencionados no relatorio do inspector da mesma eschola, lido n'aquelle acto.

O sr. Castilho foi um dos mais eloquentes analystas d'esse relatorio; propondo que fosse impresso, para então dizer sobre elle o que a brevidade do tempo lhe não consentia fazel-o oralmente.

Offereceu-se o nosso jornal para essa publicação. Antes de a imprimirmos, enviámos ao provas ao sr. Castilho, para que as suas observações acompanhassem o valioso escripto do sr. Caldeira.

Succede, porém, que não cabem n'este numero, pelo que somos forçados a transferil-as para o seguinte.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

60.°

SOBRE O USO DO ARTIGO *EL* NA PALAVRA *ELREI* E A ASSIGNATURA COM GUARDA

Nas investigações que fizemos para responder a um correspondente do Brasil, que nos pedia a origem e significação do signal chamado *guarda*, que os reis de Portugal costumam pôr logo em seguida á sua assignatura, achámos sobre este ponto uma nota escripta pelo doutor Antonio Ribeiro dos Santos, em 1804, entre os manuscriptos de sua composição, por elle dados á bibliotheca nacional de Lisboa.

Vamos transcrevel-a, porque, além de responder á pergunta que nos é feita, tira o equivoco em que laboram alguns dos nossos grammaticos, suppondo que o artigo hespanhol *el*, de que usam os nossos monarchas antes do substantivo *rei*, nos ficou da dominação castelhana.

Eis-aqui a nota:

O uso do artigo *el* na palavra *elrei*, é entre nós de mui subida antiguidade, assim na diplomatica como na historia, começando com elle muitas ordenanças, e usando-o os nossos historiadores mais antigos. E quanto á legislação, achamol-o a cada passo nos dois codigos legaes, Affonsino e Manuelino, nas leis extravagantes de Duarte Nunes de Leão e de Francisco Corrêa, nos mais antigos regimentos, e em outras escripturas diplomaticas, ainda anteriores a todos estes documentos.

Quanto á historia, é constante o uso do artigo *el*, antes do substantivo *rei*, em todos os nossos antigos historiadores, como no conde D. Pedro, em Fernão Lopes, em Azurara, em Alcobaça, no anonymo da chronica antiga do Condestavel, em Ruy de Pina, Duarte Galvão, etc.

Descendo em particular ao uso de assignar o proprio monarcha, *rei* com o artigo *el* (elrei), não acho nos primeiros documentos da monarchia este estilo, primeiro porque os principes não se costumavam assignar, segundo porque quasi todos os documentos se faziam em latim, lingua em que não cabia o artigo *el*, ainda mesmo na assignatura. Consta porém que já o senhor rei D. Diniz começou a assignar cartas com a fórmula: *Eu Elrey a vy e julguei com minha corte* (sentença da corte delrei de 12 de dezembro de 1339, que se acha no cartorio do mosteiro de S. João de Tarouca, e a cita João Pedro Ribeiro nas suas «Observações Diplomaticas», pag. 149). O mesmo praticou seu filho o senhor rei D. Affonso IV.

O senhor D. Affonso V, depois das suas pretenções ao reino de Castella, assignou com a fórmula *Yo El Rei* (carta regia de 15 de abril de 1476 que existe no cartorio da camara do Porto, no liv. antigo das provisões fol. 33).

D'onde se vê que este estilo de assignar com o artigo *el*, não foi obra do tempo dos Filippes. O nosso antigo e primeiro grammatico, Fernão de Oliveira, na sua rarissima obra da grammatica da linguagem portugueza cap. 43, entendia já no seu tempo que este uso nos tinha vindo dos castelhanos; comtudo, vendo nós que o artigo *el* figurava na edade do senhor rei D. Diniz, em suas ordenanças, razão temos de suspeitar que o não houvemos do castelhano, senão que era artigo nosso, e transcendente ao mesmo tempo aos mais dialecticos de Hespanha, como foram os pronominaes antigos, *ello, aquello, aquesto, esto;* e outros similhantes que já perdemos; e quando lhe queiramos dar derivação mui propria, a póde ter na lingua galliziana, que foi no principio de nossa monarchia quasi uma mesma com a nossa, e de que muito se usou em trovas e cantares d'aquelles tempos; e ainda do reinado do senhor rei D. Diniz, como lingua que então se havia por mais polida e cortezã que a castelhana.

Noto que uma das differenças de formulario que ha entre as cartas de lei e os alvarás, consiste em que nos alvarás assigna o soberano sem artigo, *rei, rainha, principe;* e o mais é, que Filippe IV na provisão de *Como se ha de fallar e escrever*, de 16 de setembro de 1597, e na reformação da justiça de 6 de dezembro de 1612, e em outras ordenanças, assignava tambem *Rey*, e não *Elrey;* pelo contrario, nas cartas de lei assignava o soberano com artigo, por exemplo: *ElRey, a Rainha, o Principe.*

Agora pelo que toca á *guarda* que acompanha a assignatura das cartas de lei, entendo que este nome se dá á rubríca de que costuma usar o soberano, pondo-a além do nome ou titulo de *ElRey*. Nós vulgarmente lhe chamamos *cetera*, os antigos sempre lhe chamaram *guarda*, pela haverem como uma addicção, que por sua figura e maneira guardava o nome ou firma real, segurando mais a authenticidade do signal, e difficultando a contrafação e falsidade que alguem quizesse fazer d'elle.

Para esta intelligencia, acho que podem servir dois logares que achei; um d'elles é do insigne historiador Antonio Pinto Pereira, na *Historia da India*, no tempo do vice-rei D. Luiz de Atayde, que diz assim: *E a rainha lhe deu um escripto de poder e procuração feito e assignado por ella... e o signal que n'elle fez, foi pôr de sua letra* (no logar da assignatura) *o nome do idolo que adora... por que as princezas da quella gente não se assignam com os proprios nomes, senão com os dos maridos ou deoses... com alguma differença de riscos, como se usa em outras partes nas* guardas *dos signaes* (liv. I, pag. 81 e 8).

O outro logar é de D. Francisco de Portugal na sua *Arte de Galanteria*, na qual fallando da maneira de escrever ás damas do paço, diz tambem d'esta maneira: *será la carta breve... y la letra sin borrones; de ninguna manera se hirá a lo de guardeme Dios a vuestra merced, la firma sin* guardas *en todo lo de palacio*, isto é, sem cetera (pag. 144).

Até aqui a nota.

Podiamos accrescentar mais alguns exemplos, que temos apontado; mas por falta de espaço os omittimos, para rectificar o erro dos diccionarios que dizem usar-se do artigo *el*, sómente quando fallâmos do nosso rei, e não dos estranhos. Vieira, que foi bem escrupuloso, diz:

A vida delRey Felippe tem contra si todas as leis da natureza. *Cartas*, t. I, 217. ElRey de França. Ib. 391.

E o P. Manuel Bernardes:

Assim honrou ElRey Acab ao grande Elias. ElRey Joram ao propheta Eliseu. *Florestas*. t. I, 79.

E fr. Bernardo de Brito:

...mas como a conclusão total do negocio pendia de ElRey de Inglaterra. *Chr. de Cister*. fl. 281 v.

E fr. Luiz de Sousa:

D'esta pescaria he senhor ElRey do Congo. *Hist. de S. Dom.* t. II, 411.

SILVA TULLIO.

ERRATA

A pag. 31, col. 1.ª, lin. 39, em vez de = 1849 = deve ler-se = 1749 =.